Intelectuais, luta de classes e partido político

MICHEL GOULART DA SILVA*

Resumo:

Discute-se neste ensaio a compreensão de intelectual apresentada por Antônio Gramsci e Leon Trotsky. Procura-se discutir a atuação dos intelectuais como parte da luta de classes, relacionado esse debate com a discussão acerca do partido, a qual parte da das ideias desenvolvidas por Lenin. Para tanto, são analisados textos desses pensadores marxistas em comparação com outros autores que desenvolveram a temática dos intelectuais em suas obras.

Palavras-chave: Intelectuais; Gramsci; Trotsky; Partido político.

Intellectuals, class struggle and political party

Abstract:

This essay discusses the understanding of the intellectual presented by Antônio Gramsci and Leon Trotsky. It seeks to discuss the performance of intellectuals as part of the class struggle, relating this debate to the discussion about the party, which starts from the ideas developed by Lenin. To this end, texts by these Marxist thinkers are analyzed in comparison with other authors who have developed the theme of intellectuals in their works.

Key words: Intellectuals; Gramsci; Political party.

* **MICHEL GOULART DA SILVA** é Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). O presente ensaio retoma discussões realizadas em Silva (2009, 2021a)

O debate acerca dos intelectuais é antigo e pouco consensual, afinal está diretamente relacionado com disputas e polêmicas políticas. Embora nas últimas décadas sua representação tenha se tornado bastante conectada a sua atuação nas universidades, principal local de atuação, a figura do intelectual se construiu historicamente a partir de sua participação política. Por meio de sua intervenção pública, os intelectuais participam da constituição e da consolidação de dissensos e consensos, não apenas apontando problemas e contradições que permeiam a sociedade, mas também refletindo acerca de possíveis formas de resolução. Contudo, nas últimas décadas, observa-se a saída da vida política por parte de grande parte dos intelectuais, em grande medida por conta das pressões materiais oriundas da dependência salarial e econômica a que estão submetidos (SILVA, 2021b).

Uma das principais contribuições para o debate acerca dos intelectuais parte do referencial teórico marxista. Desenvolvendo suas reflexões no começo do século XX, especialmente em seus escritos da década de 1930, o italiano Antonio Gramsci procurou analisar a formação do intelectual inserido nas contradições do sistema capitalista, verificando, por um lado, que os intelectuais são pessoas que atuam na realidade concreta e, por outro, que suas ideias representam os interesses de classes específicas, que se materializam, direta ou indiretamente, na relação com partidos políticos.[1] Essa é, em certa medida, a ideia do que ficou conhecido como "intelectual orgânico".

Além de Gramsci, não se pode descartar as elaborações desenvolvidas pelos dirigentes revolucionários russos, especialmente Vladimir Lenin e Leon Trotsky. Trotsky, em especial, antes mesmo de Gramsci, havia apontado o impacto do desenvolvimento capitalista sobre a intelectualidade e como isso interferiu em suas posições políticas. Sua análise insere os intelectuais na relação com o movimento operário da época e com a construção de partidos socialistas, principalmente na Europa. Lenin, por sua vez, não apenas apontou as possíveis contribuições dos intelectuais para o movimento operário e para as organizações marxistas, como a necessidade de formação teórica e política dos operários para que, avançando no seu nível de consciência, pudessem organizar e dirigir uma revolução. Lenin parte da compreensão de que o partido deve ser um espaço de formação de intelectuais que atuem no sentido da luta pela transformação da sociedade.

Os intelectuais

Gramsci entende que as pessoas são potencialmente intelectuais, mesmo que nem todas desempenhem essa função na sociedade; a distinção entre intelectuais e não-intelectuais, segundo Gramsci (2014, p. 53), refere-se apenas à função imediata da sua categoria profissional, ou seja, "leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso". Com isso, pode-se afirmar que a distinção entre essas atividades se dá pelo grau específico de trabalho mental nelas empregado, sendo impossível falar em "não-intelectuais", pois não há atividade humana de que se

[1] Um exemplo de estudo acerca da atuação política e partidária dos intelectuais é apresentada por Silva (2013), investigando a trajetória de Florestan Fernandes, e por Löwy (1998), em seu estudo acerca de György Lukács.

possa excluir toda a intervenção intelectual. Gramsci (2014, p. 53-4) afirma que todo ser humano,

> [...] fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novas maneiras de pensar.

Essas ideias, que procuram mostrar a influência da base material sobre a formação das ideias e da cultura, dialogam com aqueles defendidas por Trotsky em seu estudo sobre a intelectualidade escrito em 1910. Segundo Trotsky (1969, p. 185),

> [...] do ponto de vista físico, o trabalhador cerebral é incomparavelmente mais livre. O escritor não tem de voltar ao trabalho quando soa uma sirene, o médico não tem às suas costas um supervisor vigilante, o advogado não tem seus bolsos revistados quando deixa o escritório. Porém, em compensação, o trabalhador cerebral é compelido a vender não apenas sua força de trabalho, não somente a tensão de seus músculos, mas toda sua personalidade como ser humano – não por medo e sim de modo consciencioso. Como resultado, tais pessoas não querem e não podem ver que seus uniformes de trabalho só se distinguem dos macacões dos operários pelo corte mais caprichado.

Essas compreensões expressas por Trotsky e Gramsci são materialistas e dialéticas, diferente da perspectiva idealista de que o intelectual é "portador de certos valores" ou está fechado em uma "ideologia dogmaticamente assumida e passivamente servida", como defende Bobbio (1997, p. 87). Diferente de Bobbio, a concepção de Gramsci e de Trotsky não parte uma análise que escapa da realidade concreta e das condições materiais da sociedade. Por conseguinte, para Gramsci (2014, p. 15), o intelectual é um sujeito orgânico à classe:

> [...] Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político

Nesse sentido, o industrial, o banqueiro, o comerciante, enfim, o burguês precisa não apenas das diversas áreas técnicas nas esferas da produção e da circulação, mas também dos organizadores de uma nova cultura ou de elaboradores de leis, entre outras funções, bem como do profissional político que representa seus interesses nas instituições do Estado. Os intelectuais são, na maior parte dos casos, especializações de aspectos parciais das atividades da própria classe. Formam-se, segundo Gramsci (2014, p. 18-19),

> [...] historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante.

Na sociedade capitalista, com a o desenvolvimento das formas de produção e de extração de mais valia, tornou-se comum a existência de diversas atividades intelectuais, algumas ligadas diretamente à produção e outras

cuja função está voltada para exercer influência ideológica na sociedade. Nesse ponto, seria possível tentar uma aproximação com as categorias de "ideólogo" e de "experto", apresentadas por Bobbio (1997). Contudo, isso não é possível, pois em Gramsci os intelectuais têm características de classe, seja no que se refere à sua função imediata, seja nos interesses que defendem, enquanto em Bobbio os intelectuais são vistos sem quaisquer vínculos com grupos sociais, estabelecendo relações que se limitam à esfera da cultura ou mesmo das instituições do Estado.

Essa ligação orgânica dos intelectuais com as classes sociais não significa que eles tomem parte direta no mundo da produção, ou seja, que atuem como industriais ou como operários; sua função na sociedade é medida pelo "tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os 'funcionários' (GRAMSCI, 2014, p. 20-21). Essa questão também foi apontada por Trotsky em seu estudo acerca da relação entre intelectuais e socialismo:

> O espantoso desenvolvimento capitalista das duas últimas décadas recrutou para si, de modo inquestionável, a nata dessa classe. As forças intelectuais mais talentosas, aquelas com poder de iniciativa e força de raciocínio, foram inegavelmente absorvidas pela indústria capitalista, pelos trustes, por companhias ferroviárias e bancos, todos eles pagando fantásticos salários para as funções administrativas e organizacionais. Restam para os serviços do Estado e para as repartições públicas apenas os profissionais de segunda classe, e não é à toa que os editores de jornais de todas as tendências reclamam da falta de "pessoal qualificado" (TROTSKY, 1969, p. 182-3).

Referindo-se aos intelectuais ligados à classe capitalista, Gramsci destaca que estes são responsáveis pelo que chama de "consenso espontâneo" da sociedade, ou seja, constituem uma camada da sociedade que tem como função garantir a manutenção da hegemonia sobre a classe trabalhadora. Essa compreensão dialoga com a de ideologia desenvolvida pelos fundadores do materialismo histórico quando afirmam:

> A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação (MARX & ENGELS, 2007, p. 47).

Seja como um cientista social, seja como um técnico atuando no processo de produção, o intelectual orgânico ligado à burguesia é responsável (ainda que suas funções imediatas sejam diferenciadas) pela manutenção e defesa do *status quo* capitalista. Segundo Gramsci (2014, p. 21), eles são "os 'prepostos' do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político". Este tema também foi abordo por Trotsky, quando discutiu a natureza do trabalho dos intelectuais, apontando seu vínculo com a burguesia. Para Trotsky (1969, p. 184),

> [...] gerentes de fábrica e engenheiros com responsabilidades administrativas necessariamente estão em constante antagonismo em relação aos trabalhadores, contra os

> quais têm de obrigatoriamente defender os interesses do capital. É óbvio que a função que desempenham molda, em última análise, seu modo de pensar e suas opiniões. Por sua vez, e a despeito da natureza mais independente de seu trabalho, médicos e advogados têm de necessariamente estar em contato psicológico com seus clientes.

Portanto, o que se tem no marxismo, partindo das contribuições desenvolvidas por Trotsky e Gramsci, é o entendimento do papel orgânica dos intelectuais em relação às classes sociais e como isso se desdobra em um vínculo político estreito, que tem nas relações materiais sua principal determinação.

O partido

Outro fator fundamental na manutenção da hegemonia são os partidos, sendo importante destacar sua relação com os intelectuais. Uma das primeiras reflexões marxistas acerca da relação entre intelectuais e partidos foi realizada peplo próprio Engels (2015, p. 29), ao criticar as ideias defendidas por Eugen Dühring, definido como "adepto e simultaneamente reformador do socialismo". Engels (2015, p. 29) mostrava preocupação com a influência das ideias de Dühring sobre os membros do partido, evitando, ao escrever obra de polêmica, "que fosse dada ao sectarismo e à confusão nova oportunidade dentro de partido tão jovem".

No começo do século XX, o debate acerca da relação entre intelectuais e partidos também foi realizado por Trotsky. Em seu texto anteriormente analisado, Trotsky descreve o processo de aproximação da intelectualidade em relação aos socialistas e o desdobramento disso à medida em que os partidos operários cresceram na Europa:

> O maior influxo de intelectuais no movimento socialista – e isso se aplica a todos os países da Europa – ocorreu no primeiro período da existência do partido, quando ainda estava em sua infância. A primeira onda trouxe consigo os mais notáveis teóricos e políticos da Internacional. Quanto mais a Social-democracia europeia cresceu, maior foi a massa de trabalhadores que se agregou a ela – e mais fraco (não apenas em termos relativos, mas também em absolutos) foi o influxo de novos elementos provenientes da *intelligentsia* (TROTSKY, 1969, p. 182).

Esse afastamento dos intelectuais tem relação também com a própria política desenvolvida pelos partidos socialistas. Conforme aponta Trotsky, "quanto mais claramente o socialismo revelou seu conteúdo, quanto mais fácil se tornou para que todas as pessoas compreendessem a missão histórica do socialismo, mais decididamente a *intelligentsia* se afastou dele" (TROTSKY, 1969, p. 182). Outro elemento tem relação com o próprio papel que os intelectuais poderiam exercer nos partidos. Segundo Trotsky, para os intelectuais "praticamente não existe esperança de ocupar uma posição de influência e destaque nas fileiras dos partidos proletários" (TROTSKY, 1969, p. 183). Essa questão teve relação também com o crescimento desses partidos e a ampliação de sua inserção na classe operária:

> No princípio do movimento da Social-democracia, cada intelectual que chegava, mesmo não sendo alguém muito acima da média, conseguia um lugar no movimento da classe trabalhadora. Mas hoje em dia, nos países da Europa ocidental, o novato encontra a colossal estrutura da luta pela democracia da classe trabalhadora, uma estrutura em pleno funcionamento. Milhares

> de dirigentes operários, que foram automaticamente promovidos a partir de sua classe, constituem um sólido aparato à frente do qual se destacam honrados veteranos, de reconhecida autoridade, muitos do quais já de importância histórica. Em tais circunstâncias, somente uma pessoa excepcionalmente talentosa estaria habilitada para nutrir esperanças como candidata a uma posição de direção (TROTSKY, 1969, p. 183).

Com isso, a intelectualidade acaba por ter um papel muito mais de uma espécie de conselheiro do que efetivamente um dirigente do partido. Essa situação da intelectualidade exige

> [...] deles disciplina e autocontrole – algumas vezes devido ao "oportunismo" e, noutras vezes, contrariamente, devido ao excessivo "radicalismo" dos intelectuais supostamente engajados – o que acaba por condená-los ao papel de observadores queixosos, cujas simpatias vacilam entre o anarquismo e o nacional-liberalismo (TROTSKY, 1969, p. 183).

Em Gramsci, os partidos abarcam todas as ações políticas e ideológicas que se dão no seio das organizações da sociedade, o que inclui não apenas as instituições do Estado, mas também jornais, escolas e sindicatos. Existe o partido político institucional, integrado ao jogo de governo de determinada conjuntura e ao exercício da prática política mais formal. Um segundo tipo é o partido ideológico, que procura conquistar a hegemonia, tendo em seu horizonte uma nova concepção de mundo e de sociedade. E há o partido revolucionário, cujo objetivo é fundar um novo tipo de Estado, a partir da reorganização da sociedade e da conquista de uma nova hegemonia. Os partidos em Gramsci são a expressão das classes sociais:

> [...] determinados partidos representam um grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses do seu grupo e os outros grupos, e na medida em que buscam fazer com que o desenvolvimento do grupo representado se processe com o consentimento e com a ajuda dos grupos aliados, e muitas vezes dos grupos decididamente inimigos (GRAMSCI, 1989, p. 22).

Em Gramsci o partido é entendido como "intelectual coletivo", ou seja, todos os seus membros são considerados intelectuais. Essa compreensão dialoga com Lenin, quando este aponta que, na organização revolucionária, "*deve desaparecer por completo toda distinção entre operários e intelectuais*, sem falar da distinção entre as várias profissões de uns e outros" (LENIN, 2006, p. 231). Os membros podem exercer diferentes funções e participações dentro do partido, segundo sua estrutura, classe ao qual se vincula, programa, entre outros fatores. Com isso, do ponto de vista da organização dos trabalhadores, o partido pode "contribuir para a formação de revolucionários operários que, *do ponto de vista de sua atividade partidária*, estejam no mesmo nível dos revolucionários intelectuais" (LENIN, 2006, p. 252).

No desenvolvimento de sua teoria, como Lenin e Trotsky anteriormente tinham também feito, Gramsci discute a estruturação do próprio partido. Gramsci alertava que seria preciso distinguir "o grupo social, a massa partidária, a burocracia e o Estado-Maior do partido", sendo a burocracia "a força consuetudinária e conservadora mais perigosa". Se a burocracia "chega a constituir um corpo solidário, voltado para si e independente da massa, o partido acaba se tornando anacrônico, e

nos momentos de crise aguda é esvaziado do seu conteúdo social e permanece como que solto no ar" (GRAMSCI, 1989, p. 56).

Com a organização do partido, expressando os interesses materiais de diferentes segmentos da sociedade, não se faz necessário nem que a classe *em si* nem que os intelectuais do "campo da técnica produtiva" tomem parte de forma direta nas disputas e na manutenção da hegemonia, delegando a tarefa para as pessoas destacadas a atuar no "campo político e filosófico". O processo histórico de formação dos intelectuais orgânicos com funções no partido tem o objetivo, segundo Gramsci (2014, p. 24-25), de

> [...] transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política.

Lenin apresentava uma perspectiva semelhante, quando discutiu o processo de formação de consciência do proletariado:

> [...] as massas nunca aprenderão a conduzir a luta política se não ajudarmos a *formar* dirigentes para essa luta, tanto entre os operários instruídos como entre os intelectuais; e esses dirigentes *só podem* ser educados mediante a apreciação cotidiana e metódica de *todos* os aspectos da nossa vida política, de *todas as tentativas* de protesto e de luta das diversas classes e por diferentes motivos (LENIN, 2006, p. 291).

O membro do partido que desenvolve a função de dirigente no interesse da classe não pode ser apenas um técnico que tem suas ações limitadas ao espaço da produção ou que está preso apenas à tarefa de conhecer os dados da balança comercial de um país ou outros dados estatísticos. Para Lenin (2006, p. 186),

> [...] é preciso que os intelectuais deixem de repetir o que já sabemos e que nos deem mais do que ainda não sabemos, daquilo que nunca poderemos saber por nossa experiência fabril e "econômica", ou seja: o conhecimento político.

O intelectual, no que se refere à sua relação com o partido, conforme as ideias desenvolvidas por Lenin e Gramsci, atua teórica e politicamente e procura analisar e compreender a dinâmica da sociedade e das suas disputas políticas, bem como a história onde está inserido, auxiliando a classe a que está ligado ou a manter a hegemonia ou a construir um novo poder a partir da transformação da sociedade.

Considerações finais

O marxismo apresentou contribuições fundamentais para que se possa compreender a questão dos intelectuais. Em Gramsci, o espaço de formação do intelectual é mais amplo do que aquele apresentado por outras perspectivas teóricas, como a de Bobbio, na medida em que aponta seu vínculo a uma classe, agindo politicamente e sendo o partido seu espaço privilegiado de formação e intervenção sobre a sociedade. Gramsci, embora parta sua reflexão da análise acerca do intelectual conservador, tem como principal objetivo identificar o intelectual orgânico do proletariado, portanto, revolucionário.

Trotsky, por sua vez, ao compreender o processo de desenvolvimento do capitalismo no começo do século XX, apontava, antes mesmo de Gramsci, para a relação material estabelecida pelos intelectuais com a burguesia. Por meio dessa análise, mostra como esse vínculo impactava na atuação política dos intelectuais, especialmente em sua

relação com o socialismo e no paulatino afastamento com os partidos operários.

Gramsci, seguindo os passos de Lenin, aproximou o intelectual da organização partidária, atribuindo-lhe um determinado papel na manutenção ou mesmo na transformação da realidade, podendo-se pensar essa figura inserida na luta de classes. Não se trata, no caso dessa atuação partidária, de uma escolha de legendas eleitorais ou de opções individuais, mas da atuação do intelectual visando os interesses da classe com a qual sua consciência se identifica.

Gramsci, como Lenin e Trotsky, entendia a necessidade de os operários desenvolverem uma compreensão da realidade que deveria ser para além da observação dos fenômenos mais aparentes. O intelectual, mesmo oriundo de outras classes, poderia contribuir nesse processo de desvelamento da realidade. Portanto, ainda que não faça parte da disputa direta pelo poder, o intelectual pode cumprir papel fundamental nos embates travados na luta de classes, assumindo uma relação com partidos e organizações políticas, em particular as socialistas.

Referências

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1997.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring**: a revolução científica segundo o senhor Eugen Dühring. São Paulo: Boitempo, 2015.

LENIN, Vladimir. **Que fazer**. São Paulo: Martins, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado Moderno**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 2**. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LÖWY, Michael. **A evolução política de Lukács**. São Paulo: Cortez, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Michel Goulart da. Gramsci, os intelectuais e a educação. In: Michel Goulart da Silva. (Org.). **Educação e trabalho**: configurações e metamorfoses no capitalismo contemporâneo. Foz do Iguaçu: CLAEC e-Books, 2021a, p. 24-33.

SILVA, Michel Goulart da. "Gramsci, os intelectuais e a prática política". **Contra a Corrente**, nº. 1, p. 45-50, 2009.

SILVA, Michel Goulart da. "O partido político em Florestan Fernandes". **Em Debate**, n. 8, 2013.

SILVA, Michel Goulart da. "Universidade, capitalismo e produção do conhecimento". **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, nº. 15, p. 94-97, 2021b.

TROTSKY, Leon. Intelligentsia y socialismo. In: **Literatura y revolución**. Paris: Ruedo Ibérico, 1969, t. 1.

Recebido em 2023-04-27
Publicado em 2023-10-20